

Piedade Popular na América Latina: Um Panorama de Medellín ao Papa Francisco Popular Piety in Latin America: A Panorama from Medellín to Pope Francis

RENÊ AUGUSTO VILELA DA SILVA¹

DOI: <https://doi.org/10.23925/2764-8389.2022v2i1p117-135>

RESUMO: O presente estudo faz uma apresentação sobre o tema da piedade popular na América Latina partindo de uma reflexão sobre o símbolo como forma de expressão e externalização da nossa relação com Deus. Por meio da piedade popular os fiéis busca relacionar-se com o Evangelho e com Deus. Buscaremos identificar de Medellín, 1968, ao Papa Francisco algumas pistas sobre o tema da piedade popular. Nesse percurso perceberemos a importância dessa manifestação de fé para a implementação do Concílio Vaticano II e da confirmação da fé do povo na América Latina. O trabalho é realizado por meio de bibliografia. Consideremos este tema fundamental para compreender a fé do povo e também para apontar meios pastorais de evangelização. A piedade popular é a manifestação e a síntese da compreensão de fé do povo.

PALAVRAS-CHAVE: Piedade Popular; Medellín; Evangelização; Símbolos; Papa Francisco.

ABSTRACT: The present study makes a presentation on the theme of popular piety in Latin America, starting from a reflection on the symbol as a form of expression and externalization of our relationship with God. We will seek to identify from Medellín, 1968, to Pope Francis some clues on the theme of popular piety. In this process, we will realize the importance of this manifestation of faith for the implementation of the Second Vatican Council and the confirmation of the faith of the people in Latin America. The work is carried out through bibliography. Let us consider this fundamental theme to understand the faith of the people and also to point out pastoral means of evangelization. Popular piety is the manifestation and synthesis of the people's understanding of faith.

KEYWORDS: Popular Piety; Medellin; Evangelization; Symbols; Pope Francis.

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. Liturgia, piedade popular e aspectos teológicos; 3. A fé é expressa pelos símbolos; 4. A Conferência de Medellín um marco na Igreja e na América Latina; 5. Piedade popular, uma manifestação de fé; 6. Pela Vivência da liturgia e da piedade popular encontramos Cristo no cotidiano; 7. A piedade popular é uma contínua caminhada de fé do povo latino-americano; 8. Conclusão

1. Introdução

¹ Doutorando em Teologia Sistemática com ênfase em História Social da Igreja pela PUC-SP – bolsista pela FUNDASP. Mestrado em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Graduado em Teologia pelo Instituto Teológico de São Paulo (ITESP) em concomitância pela Faculdade Santo Anselmo. Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: vilelaaugusto@yahoo.com.br, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2330507293031053>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4271-7301>.

O estudo que apresentamos é fruto das aulas - *A tradição Conciliar na América Latina: O Concílio vaticano II e as Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano: aspectos teológico-pastorais e perspectivas atuais* - que foram realizadas na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE-MG) e das pesquisas pessoais sobre piedade popular e manifestação de fé do povo latino-americano de forma especial manifestada pelos símbolos.

Vemos a necessidade de enriquecer a compreensão e a importância da piedade popular na tradição da América Latina, contando com estudos críticos e atualizados diante do mundo contemporâneo no que diz respeito aos aspectos teológicos e ao sentido dessas manifestações visamos compreender a piedade popular como sinal dentro da história da revelação do projeto de Deus.

Veremos que desde Medellín, mesmo que de forma implícita, a piedade popular na América Latina é valorizada em função da fé. Esse tema na América Latina em consonância com o Concílio Vaticano II busca valorizar a devoção do povo e suas formas de compreenderem a Igreja. Ao acompanharmos as Conferências episcopais da América Latina e Caribe e acolhendo os discursos do Papa Francisco vemos que o tema ainda é pertinente e atual.

Torna-se relevante nesse texto, uma caminhada sobre os símbolos e sua externalização da fé e à teologia dos sacramentais para uma conscientização da manifestação da fé, visto que é preciso apresentar formas de conscientizar pastoralmente as pessoas a identificar, respeitar a piedade popular que é uma busca de conformar-se a Cristo em função do Reino de Deus. Sabendo que a caminhada do povo é constante e é uma busca pelo encontro com Cristo. Encontro esse que passa pela vivência do testemunho que é apresentada pelas manifestações com a riqueza e sabedoria local, com os aspectos culturais e com a fé testemunhada dos membros das comunidades.

2. Liturgia, piedade popular e aspectos teológicos

A Liturgia tem sua vital importância por ser o centro da atualização da Páscoa de Cristo, porém o povo e suas necessidades ao fazerem a experiência de Deus, tomam símbolos

que sinalizam essa aliança, o que pode ser transparecida pela piedade popular. Como diz o Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia (*DSPLL*): a “liturgia e piedade popular são duas expressões legítimas do culto cristão, embora não homologáveis. Elas não devem ser opostas uma à outra, nem equiparadas, mas harmonizadas” (n. 58) levando a todos ao ponto de referência que é Cristo.

Se olharmos na perspectiva da Constituição *Sacrosanctum Concilium* (Cf. n. 12 e 13) homens e mulheres devem ser uma eterna dádiva de Deus na terra. Os piedosos exercícios do povo desde que conformes a Igreja e Liturgia são recomendados, sendo eles organizados conforme o tempo litúrgico.

A piedade popular deve ser compreendida em suas diversas formas de culto que podem ter caráter privado ou comunitário. No âmbito da fé cristã, se expressam nas formas simbólicas. Expressões que são próprias de um povo, etnia e da sua cultura. E vemos que o “conhecimento da piedade popular, é preciso dizer que se [...] Trata-se de conhecer a cultura do povo e nela se integrar, assumindo-a com todos os seus valores” (CNBB, 1986, n.64).

Devem-se compreender as riquezas e mesmo suas ambiguidades de cada cultura. A religiosidade popular abrange um determinado povo que expressa a sua visão sobre Deus, espiritualidade e também a concepção de natureza, de sociedade. A fé e a história social do povo sempre contarão com mediações culturais que são a síntese dos significados dos cultos, das orações e também definição da identidade de um grupo social.

Nessa perspectiva entendemos que a piedade popular e suas expressões são sinais que:

animadas por uma atitude de fé interior, manifestam um aspecto particular da relação do fiel com as Divinas Pessoas, ou com a bem-aventurada Virgem em seus privilégios de graças e nos títulos que o expressam, ou com os Santos, considerados em sua configuração com Cristo ou na função por eles exercida na vida da Igreja (*DSPLL*, n.8).

Por isso entendendo a Igreja como povo de Deus, vemos que sua expressão, identidade eclesial vem das raízes históricas, levando em consideração a vida, os contextos humanos e o ecumenismo. Sabemos que a devoção popular bem como a Liturgia utiliza símbolos, que são

formas de externalizar e legitimar as experiências, que por meio de formas ou de alegorias apresentam e contextualizam um fenômeno que reflete a realidade vivida (Cf. CANCONE, 1984, p. 63).

No texto conclusivo da Conferência de Medellín vemos que as devoções são uma forte presença na vida dos fiéis e “recomenda-se buscar formas mais adequadas, que lhes dêem conteúdo litúrgico, de modo que se tornem veículos de fé e de compromisso com Deus e com os homens” (p. 97). As devoções são a manifestação de fé de um povo local e mesmo de uma grande massa que se torna um culto por meio de ritos e símbolos. O povo encontra-se dentro do mistério que é apresentado e produzido por danças, música, imagens, símbolos entre outros.

3, A fé é expressa pelos símbolos

Sabemos que “as imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser” (ELIADE, 1991, p. 8-9). Devemos entender que “o símbolo nasce e se desenvolve através do contato do homem com o ambiente [...] natural e cultural” (FIORES, 1989, p. 1068). Os símbolos principalmente os ligados a religiosidade devem ser vistos dentro da ótica da liturgia cristã que se apresenta como um conjunto de sinais e de símbolos, que as ciências humanas podem estudar em diversos níveis, mas sobre os quais só poderemos ter uma compreensão plena e uma experiência autêntica dentro de um contexto de fé e de pertença à Igreja (Cf. FIORES, 1989, p. 1142).

Os símbolos trazem uma lógica que pode ser traduzida, mesmo se tratando de experiências transcendentais, pois transformam essas realidades em racionais. Por meio da Tradição da Igreja, os testemunhos de fé se tornaram tratados ou mesmo compêndios da compreensão e de relação com os objetos que representam um contato com Deus, visto que: “O homem histórico tem a tendência inata a construir para si símbolos que lhe recordem um acontecimento sagrado ou uma experiência de Deus no passado, ou então símbolos que

deveriam lembrar-lhe a presença de Deus, um dom seu ou missão conferida por ele” (FIORES, 1989, p. 1048).

Para interpretação das simples manifestações de fé, contamos com o *Sensus Fidei*, que pela moção do Espírito Santo, pode aprofundar o sentido do significado dos símbolos, dos gestos e das ações que ocorrem na piedade popular. No catolicismo popular, o seguimento se dá pela adesão e interpretação que são expressas por símbolos e estilo linguístico de cada cultura. Por isso a necessidade de métodos próprios para cada fenômeno e cada expressão cultural (Cf. ESPÍN, 2000, p.122).

Por isso os símbolos assumem funções pedagógicas quando induzem a um seguimento do Evangelho, visto que nele não temos conteúdo da fé, mas nos remete ao seguimento de Cristo. Ao mesmo tempo função mistagógica ao transportar os fiéis de uma materialidade ao mundo transcendente por meio da fé. Conforme vemos no texto conclusivo da Conferência de Medellín “a fé, e, por conseguinte, a Igreja, nascem e crescem em religiosidade culturalmente diversificada nos distintos povos” (p. 70). As expressões religiosas demonstram uma adesão fiel e participava do fiel ao corpo eclesial.

Os símbolos são apreendidos no cotidiano, mas não podemos nos perder no já estável, devemos nos aprofundar no fenômeno, no significado e na experiência (Cf. MARASCHIN, 1984, p. 126). “O cotidiano é o nosso cotidiano. O simbólico é o nosso simbólico. Somos nós os encarregados dessa apreensão. Isto é, da apreensão do simbólico no cotidiano” (MARASCHIN, 1984, p.127).

E mais, ao saber que os símbolos nos possibilitam uma comunicação religiosa, isto é, não trata de limitar a presença de Deus de forma real, mas sim remetem a um encontro, uma mediação do povo com seu Deus. Tendo uma significação, o símbolo se torna eficaz por permitir vivenciar o mistério, tendo noção de seguimento a um projeto, no caso do Escapulário do Carmo, do Reino de Amor.

4. Conferência de Medellín, um marco na Igreja e na América Latina

As Conferências² são frutos da história da América Latina e resposta ao Concílio Vaticano II. A Igreja da América Latina descobriu o seu compromisso libertador e decidiu-se a assumi-lo. A Conferência de Medellín (1968), de forma especial foi convocada pelo papa Paulo VI, tendo seu objetivo, num primeiro momento, o de fazer a aplicação do Concílio Vaticano II às Igrejas da América Latina.

A Conferência de Medellín é o grande marco da Igreja da América Latina e do Caribe, como Igreja que acolhe nos termos do Concílio Vaticano II. Este marco insere-se num contexto marcado por opressões contra os povos deste continente, e de movimentos de resistência libertadora, da parte destes povos. E desse marco podemos dizer ser o início de uma nova caminhada da Igreja na América Latina até os dias atuais.

Medellín rompeu claramente com a postura clerical da Conferência do Rio de Janeiro (1955). Trata-se de um avanço em relação ao Concílio Vaticano II, porque interpretou os “sinais dos tempos”, a realidade social e eclesial do continente. A fé do povo, a resposta a Deus, passa pela utilização de símbolos e pela devoção de objetos como forma de expressar suas convicções, assim entramos numa realidade que podemos chamar de religiosidade popular.

E de forma especial ao tratar de nosso tema, religiosidade popular, percebemos que essa é sustentada pelo próprio povo. Sabemos que essas manifestações podem ser vistas como empecilho para Igreja Oficial, por serem consideradas supersticiosas e superficiais, porém, partimos da ideia de que essas manifestações da fé popular são frutos das preocupações e da realidade local de cada povo.

A Conferência de Medellín já nos exortava ao dizer que o “povo precisa manifestar sua fé de forma simples, emocional, coletiva” (p. 69) e por isso não podemos partir de uma ideia fechada apenas em algumas classes ou grupos, mas ir mais profundo nos próprios grupos rurais e marginalizados. O texto final da Conferência de Medellín continua a dizer que

² Rio de Janeiro (1955); Medellín (1968); Puebla (1979); São Domingo (1992) e Aparecida (2007)

as expressões do povo podem ser uma autêntica religiosidade, que é expressa com elementos próprios da cultura local (Cf. p. 69).

O tema da piedade popular é apresentado em determinados momentos e incentivado para que possa contribuir na evangelização e na formação do povo, contribuindo para elevação espiritual, mas também para a vida cultural. E destaca-se em Puebla (1979) que esse tema aparece de forma mais explícita e mostra-nos que é preciso

atender pastoralmente a piedade popular da zona rural e indígena para que, segundo sua identidade e seu desenvolvimento, cresçam e se renovem com a doutrina do Concílio Vaticano II [e mais] favorecer a mútua fecundação entre liturgia e piedade popular que possa orientar com lucidez e prudência os anseios de oração e vitalidade carismática [...]. A religião do povo, com sua grande riqueza simbólica e expressiva, pode proporcionar à liturgia um dinamismo criador (n. 464).

Papa João Paulo II, no discurso de abertura da Conferência em São Domingo (1992), também nos mostra que a piedade popular pode ser uma base para que os fiéis se mantenham vinculados a fé cristã, sendo assim “a forte religiosidade popular de vossos fiéis, com seus extraordinários valores de fé e de piedade, de sacrifício e de solidariedade, convenientemente evangelizada e alegremente celebrada, orientada em torno dos mistérios de Cristo” (n.12). E ainda nessa mesma conferência destacamos que a piedade popular favorece para a construção da identidade cristã que dá-se no interior de todas as culturas.

O que a Conferência de São Domingos nos mostra é que deve buscar na compreensão da cultura um processo que vai do Evangelho e chegue a experiência de fé de cada indivíduo, por isso é preciso que conte com a mediação da linguagem e dos símbolos compreensíveis e apropriados segundo o juízo da Igreja. Fortalecer a identidade dos indivíduos e de sua cultura é propor uma Igreja que defende os autênticos valores culturais de todos os povos, especialmente dos mais marginalizados (Cf. n. 243).

No texto final da Conferência de Aparecida (2007) vemos a importância da cultura, os povos na busca de sua existência plena, nisso “a fé só é adequadamente professada, entendida e vivida, quando penetra profundamente o substrato cultural de um povo” (n. 477). É preciso

o encontro da fé e da cultura para que possa abraçar o ser humano por completo com sua realidade e sua vida.

A religiosidade ensina-nos que ao utilizar símbolos, podemos compreender a linguagem mitológica de praticar atos e gestos, que os símbolos e rituais constituem componente humano e religioso (Cf. FIORES, 1989, p. 1011). Não se simplifica num devocionismo ingênuo, mas é fé e fidelidade, na qual busca enfatizar um Deus próximo e compassivo, confiança na encarnação do Filho, de um Deus próximo do povo (Cf. ESPÍN, 2000, p. 121).

5. Piedade popular, uma manifestação de fé

A *Lumen Fidei* nos diz que os objetos e os rituais³ ganham sentido e conotação e se tornam demonstrações públicas de fé, que utilizam ritos, objetos e matéria, fazendo com que a nossa realidade se abra para o mistério do eterno (Cf. n. 40-45). Sabendo que os significados se recriam constantemente conforme cada realidade existencial, visto que um mesmo símbolo da piedade popular pode exprimir uma característica própria para a realidade local, não perdendo seu significado geral.

Na *Evangelii Gaudium* vemos que o principal é que essas manifestações se deem num contexto que faz parte da Igreja, na qual a piedade popular nada mais é que a moção do Espírito Santo (Cf. n.121). Por isso, se explica a dinâmica e o ritmo próprio da cultura popular, que utiliza dos meios disponíveis para responder as situações presentes. Por isso ao falarmos de popular não temos esquemas pré-estabelecidos (Cf. BRITO, 1996, p. 104).

A devoção popular não é algo estéril, mas uma aplicação prática, na qual a teologia dos sinais nos recorda que, constantemente, ao usar símbolos, estamos confirmando a consagração a Deus. Além de ser uma expressão da vida prática e da confiança de viver sobre

³ Os rituais muitas das vezes dentro da cultura popular podem ser vistos como uma forma de administrar uma ordem a ser mantida, visto que a cultura popular por trazer em si uma tensão entre ordem/desordem, cotidiano/extra-cotidiano. Esse pensamento pode ser visto quando se entende a cultura como algo fragmentado e cultura científica como aquela que busca um denominador. Nisso a cultura popular por ser fragmentada torna-se uma resistência para uma hegemonia cultural da burguesia (Cf. ORTIZ, 1980, p.78-83).

as bênçãos na terra é também expressão da confiança e da esperança na vida eterna, entendida como uma extensão da vida temporal.

Compreendemos que o primeiro contato foi Deus que realizou com seu povo por meio de sinais e depois pela encarnação de Jesus. A religiosidade popular ao usar símbolos se compromete a viver a proposta de Deus. A significação da mensagem ultrapassa a dimensão racional ou puramente analítica, pois os símbolos, na religiosidade popular, devem ser vistos em sentido amplo, isto é, um relacionamento vivencial transcendente em que a vida terrena estende enquanto caminho para eternidade.

A devoção popular muito contribuiu para a formação da fé do povo. Conforme vemos na *Evangelii Gaudium* as “expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização” (n.126).

Essas manifestações que partem do povo e que passam por avaliação crítica, pois não é o fato de sair do povo que o faz pertencer a religiosidade popular, mas sim por ser algo que corresponde ao contexto e corresponde a mensagem de Cristo. Pois, do contrário seriam ideologias impostas ao povo e não um construto consciente e comprometido com a mensagem do Evangelho. A religiosidade é construída com base nas experiências positivas ou negativas das pessoas e a partir dessas realidades vivenciais se constroem significados e valores aos símbolos, gestos e palavras (Cf. VALLE, 1973, p. 16-19).

Podemos enriquecer essa compreensão a partir da encíclica *Deus Caritas Est* que diz: sabemos que ninguém jamais viu a Deus tal como Ele é em Si mesmo, mas ele se apresentou pela revelação em Cristo e permanece vindo ao nosso encontro, apresentando-Se em nosso cotidiano por meio de ações de amor, de caridade e de misericórdia. A união e o reconhecimento desse amor se tornam realidade quando o nosso agir se concretiza por meio do Espírito de Deus. Visto que esse amor não é apresentado apenas em um ato piedoso ou no cumprimento dos deveres religiosos, mas numa relação concreta com o outro, na abertura para o próximo e no serviço, na qual pela vivência do amor nos tornamos um Nós, superando as divisões (Cf. n.17-18).

Deus propõe um convite para todos, na qual somos chamados a crescer como evangelizadores, dando testemunho explícito do amor salvífico de Deus, que se aproxima de nós e dá sentido à nossa vida. Já nos diz papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, a cultura é dinâmica e que o povo recria constantemente conforme a realidade existencial e a piedade popular é movida pelo Espírito Santo fazendo com que as pessoas expressem sua fé de forma visível (Cf. n.121).

Nessa perspectiva vemos que a piedade popular não se configura como manifestações empobrecidas, mas mediações entre o que diríamos Oficial e Popular⁴, que em cada contexto redescobre valores de cada povo. Não se tratam de invenções, de imaginações, mas sim de um contrato social entre a comunidade e entre as pessoas para que se manifestem por meio de símbolos e de ritos, entrando em comunicação com Deus.

6. Pela vivência da liturgia e da piedade popular encontramos Cristo no cotidiano

A fé do povo apresenta uma intuição, uma sabedoria e uma realidade, por isso a fé popular ou mesmo o catolicismo popular é uma fonte teológica, que se mantém fiel a Bíblia e a Tradição. Estando diante de diferentes culturas e realidades que não podem ser depreciadas a fé se manifesta conforme cada contexto (Cf. ESPÍN, 2000, p. 21).

A *Sacrosanctum Concilium* nos diz que homens e mulheres devem tornar-se uma eterna dádiva de Deus na terra, na qual os piedosos exercícios do povo desde que conformes a Igreja e a Liturgia são recomendadas, sendo elas organizadas conforme o tempo litúrgico (Cf. ns.12-13). Nessa perspectiva, ao falar do Escapulário do Carmo, é preciso compreender sua intervenção nas diversas formas culturais, seja de caráter privado ou comunitário, expressando características próprias de um povo, de uma etnia e de uma cultura (Cf. *DSPPL* n.9).

Buscando apontar para Cristo, a piedade popular permeia dois âmbitos: o da Liturgia e o da piedade popular; elas “[...] são duas expressões legítimas do culto cristão, embora não

⁴ “O termo ‘popular’, muito difundido entre cientistas sociais, nasceu da oposição entre a Igreja do povo e o clero. Num movimento natural, estendeu-se à cultura produzida e elaborada pelo povo em oposição à cultura erudita; nesse caso de cunho clerical. Esse termo nos diz também esta cultura é, acima de tudo, *grupala, supra-individual*.” BRITO, 1996, p. 103.

homologáveis. Elas não devem ser opostas uma à outra, nem equiparadas, mas harmonizadas” (DSPPL, n. 58). Por isso, entendemos essa religiosidade “... como expressão cultural do *sensus fidelium*” (DSPPL, n.117), que na realidade é o testemunho e a fé manifestada pelo povo a partir de sua realidade, não desconsiderando a Tradição da Igreja.

As devoções são a interação entre o povo e seu Deus. É Confiança no Deus que se revela, neste que foi acolhido livremente por parte humana (Cf. LIBANIO, 2000, p103). As manifestações populares não são devocionismos imaturos, mas legitimação da fé, na qual o povo se torna protagonista das expressões de fé por meio da riqueza cultural (Cf. LIBANIO, 2000, p. 122-124). Expressões de fé que não se distanciam da Liturgia, mas que unem pessoas num mesmo projeto, visto que “[...] quem experimenta e fala da revelação é o ser humano. Ele já encontra em si um sentido, ele está vivendo uma existência, que recebeu de Deus. Nela já está em profundidade o seu sentido último” (LIBANIO, 1992, p. 95).

Compreende-se que o ser humano expressa sua visão totalizadora da transcendência bem como sua concepção de natureza, de sociedade e de história através de mediações. Essas mediações que são culturais trazem em si uma síntese, que é o significado humano e espiritual dado à experiência do transcendente. Por isso, os símbolos ganham sentido e significado, quando se referem a uma realidade além do objeto visual e a uma proposta de vida e de seguimento (Cf. MARASCHIN, 1984, 121-144).

O sinal ao ser expresso por símbolos são usados pelos humanos para se comunicar com Deus, na realidade, vai ao encontro de um despojamento das coisas materiais e mesmo de ligações sentimentais do mundo material para ir ao encontro do Absoluto⁵. É um sentir limitado e frágil, mas que possuem um desejo de entrar em comunhão com o transcendente. E em união a esse amor que ultrapassa os sentidos palpáveis algo de divino passa transformar o cotidiano e a vontade de quem se entrega a Deus (Cf. BINGEMER, 1998, p.82-86).

⁵ O uso do termo *sinal* é usado em sentido mais específico, quando pretende indicar uma realidade sensível que remete a uma realidade sensível de significado preciso, mas de caráter convencional. Enquanto o termo *símbolo* indica um lançar, colocar junto, isto é, quando a realidade significada está de certo modo presente, quando possibilita a abertura de perspectivas mais profundas e universais (Cf. SARTORE, 1992, p. 1143).

Conforme o texto final de *Aparecida*, a piedade popular “[...] penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel e, ainda que se viva em uma multidão, não é uma ‘espiritualidade de massas’. Nos diferentes momentos de luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus” (n. 261). Por isso, torna-se “[...] um ‘verdadeiro tesouro do povo de Deus’, manifesta uma sede de Deus [e] quando se trata de manifestar a fé, ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus” (*DSPPL*, n. 9).

A manifestação da fé por parte do povo de Deus não é apenas uma manifestação pública de qual projeto se está seguindo, mas revela *status* teológico, no qual os fiéis batizados são portadores de um senso de fé. Julgando como sendo um senso comum da fé, as devoções populares desafiam a sensibilidade de todos os membros da Igreja para escutá-las e manter um diálogo profundo com a fé popular e cultura de cada povo (Cf. VILHENA, 2016, p.11). As dificuldades de diálogo podem ocorrer devido à riqueza de conteúdo e pelas múltiplas interpretações que os povos dão aos seus símbolos e suas crenças em cada local e contexto. Porém, muitas expressões não estão dissonantes com os ensinamentos da Igreja.

Deus não deseja que os humanos vivam em um mundo egoísta, propõe uma sociedade humana e fraterna, na qual todo individuo faz parte da criação. Os seres humanos ao compreenderem o sentido de Deus, passam a ter a experiência de consciência, integrando todo o ser, intelecto, vontade, afetividade, isto significa passam a conhecer a realidade humana e a se comprometerem com a criação (Cf. FIORES, 1989, p. 1049).

7. A piedade popular é uma contínua caminhada de fé do povo latino-americano

O pontificado de Paulo VI foi favorável ao empenho da missão eclesial assumida como libertação integral. Importantíssima foi a sua encíclica *Evangelii Nuntiandi* (1975), que entendeu a evangelização como libertação. Vemos que a Igreja da América Latina cresceu em meio a tensões internas e repressão externa, explicitando sua teologia como reflexão da práxis evangélica e transformadora que age a partir da religiosidade do próprio povo.

Uma atualização para o mundo pós-moderno pode ser compreendido hoje conforme compreende a V Conferencia Episcopal ocorrida em Aparecida que nos mostra que:

a piedade popular penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel e, ainda que se viva em uma multidão, não é uma ‘espiritualidade de massas’. Nos diferentes momentos de luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus: um crucifixo, um rosário, uma vela que se acende para acompanhar um filho em sua enfermidade, um Pai Nosso recitado entre lágrimas, um olhar estranhável a uma imagem querida de Maria, um sorriso dirigido ao Céu em meio a uma alegria singela (p. 261).

Por isso também se fazem importantes os Sacramentais que se expandiram devido a sua facilidade de acesso e sua compreensão mais apreensível, que corresponde à realidade existencial dos fiéis. Pode-se dizer que Deus está em constante comunicação com os seres humanos e, estes captam pela experiência religiosa a presença do transcendente.

É a realidade que permite perceber como a cultura e a realidade influenciam na fé das pessoas, que em sua experiência religiosa buscam interagir com o transcendente que age dentro da história. A experiência é legitimação do protagonismo da fé, como mostra o papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (2013). As expressões de fé buscam realizar o projeto de Deus e existem diferentes maneiras de manifestar a adesão ao batismo no cotidiano.

O texto conclusivo da Conferência de Puebla nos diz que a religiosidade popular deve ser evangelizada constantemente, buscando revisitar a história do povo, buscando que o catolicismo popular seja assumido, revisitado e redimensionado. É preciso comunicar a Boa Nova, para isso é preciso amor ao próximo, buscando fazer tudo para que os filhos e filhas sejam participantes da busca do Reino e que possam assim amadurecer em sua fé (Cf. n. 457-459).

Partindo da pastoral em setores populares, o autor constata a importância dos sacramentais na experiência cristã do povo simples. As devoções são formas simbólicas e sacramentais de externalizar a fé e de receber as bênçãos de Deus. Recorrendo aos sacramentos pode-se observar uma riqueza e variedade de sacramentais conforme a região geográfica, desde o uso de objetos próprios de cada cultura a símbolos devocionais. O uso de símbolos fortalece a vivência do sacramento e do sacramental.

Devido à falta de instrução, as pessoas e setores mais humildes consideram os sacramentais mais importantes que os sacramentos. Pois os sacramentos exigem uma

preparação ininteligível, sendo muitas vezes afastados da vida cotidiana do povo; diferentes são os sacramentais que são mais próximos, variados e ricos de simbolismo. Sendo os sacramentais o clamor do povo da Igreja são um meio de evangelização presente na experiência da religiosidade popular (Cf. CODINA, 1990, p.55-68).

Nisso vemos que os símbolos por parte da devoção popular são formas de externalizar e legitimar as experiências, formas ou alegorias que apresentam e contextualizam um fenômeno que reflete a realidade vivida. Por isso as imagens, os símbolos e os mitos não são apenas criações, mas respondem ou correspondem a uma necessidade e realidade em determinado momento histórico, mediante determinado contexto. O símbolo diferentemente nasce e se desenvolve através do contato do ser humano com o ambiente, pode referir-se ao mundo mais primitivo da natureza ou ao mundo social, da família e da técnica.

Compreende-se que os objetos e rituais ganham sentido, quando se tornam demonstrações públicas. Os sacramentos fazem memória de Cristo. Dentre eles a Eucaristia é o ápice da vida cristã, e, por ela, a humanidade é introduzida no dinamismo do projeto de Deus. Mas todos os sacramentos (e sacramentais que surgiram no decorrer da história do cristianismo) são expressões da fé que, utilizando ritos e objetos materiais, fazem com que nossa realidade se abra para o mistério do Eterno.

Vemos que os Sacramentais possuem características dos Sacramentos, isto é, são sinais eficazes de salvação de Cristo, são de fato, a sua atuação no ‘tempo da Igreja’ (SARTORE, 1992, p. 1058). São expressões privadas e públicas da piedade cristã, que mesmo não fazendo parte da Liturgia estão em harmonia com a condução da vivência dos Sacramentos (Cf. *DSPPL*, n. 7).

As devoções fazem parte da cultura popular. Nelas o sagrado se apresenta em rituais, celebrações que realizam a interação entre Deus e seu povo. A devoção é vista como confiança no Deus que se revela, mas a validação da mensagem depende da acolhida da parte humana, resposta esta que se dá em um ato livre do humano. O estudo procura apresentar a importância da cultura popular, como um tesouro que brota da realidade e da compreensão que cada grupo social tem sobre o sagrado (Cf. BRITO, 1996, p. 102-111).

As pessoas, ao abraçarem e buscarem realizar o projeto de Deus, assumem uma identidade cristã, isto é, agregam ao batismo a esperança e a alegria de seguir a Cristo no cotidiano. O cristianismo não tem apenas um modelo cultural, mas diferentes maneiras de experimentar Deus, tendo como eixo central o Evangelho. A identificação cristã vai além da fé professada, passa pelo contexto sociocultural no qual são assumidas formas (ritos, objetos, tradições) que traduzem a consciência religiosa de uma pessoa ou grupo.

8. Conclusões

Ao nos depararmos com o mundo contemporâneo vemos diferentes perspectivas e maneiras de expressar a fé. O povo expressa sua espiritualidade na liturgia, na piedade, no sincretismo, utilizando de símbolos ou expressões que demonstram um relacionamento com Deus, que ocorre através da Igreja ou através de experiências pessoais ou grupais. Visto que a mensagem nos é ofertada como um fato histórico realizado por um Deus Trindade que comunica o seu amor e o ser humano que acolhe e corresponde a esse amor. Em relação à mensagem de amor: da parte divina um aspecto ontológico e do humano o aspecto histórico-existencial que ocorre através das mediações de captação e vivência (Cf. LIBANIO, 1992, p.182).

Papa Francisco nos diz na *Lumen Fidei* que Igreja pode ser vista como unidade do povo, mesmo tendo uma diversidade de manifestações, mas que em sua realidade espacial e temporal estão ligados a um compromisso comum, uma fé. Isto é, mensagem de Cristo, pois é nele que se busca suprir as dificuldades quanto à verdade, valendo-se da linguagem do amor (Cf. n.47).

O encontro com Jesus Cristo deve ser realizado em consonância ao Deus uno e trino, na qual a experiência batismal nos convida ao serviço para com o próximo (Cf. *DSPPL* n. 240). Pois, estando em concordância com a Igreja, somos inseridos não apenas na vida eclesial, mas na vida concreta de uma realidade social. Dessa realidade nos veem o testemunho vivencial da fé.

Estamos num mundo tecnológico e com conceitos racionais. A atual sociedade pluralista, instável, diversificada, participativa, secularizada, dominada por uma racionalidade de cunho científico-experimental e econômico, sendo pragmática e utilitarista, vê no discurso cristão apenas mais um entre tantos os que são apregoados, relativizados e, conseqüentemente, enfraquecidos (Cf. MIRANDA, 2013, p.215). A autonomia da razão não extinguiu a experiência de fé das pessoas e do povo que, na pluralidade de interpretações, foi criando até mesmo uma religiosidade com diferentes aspectos unindo diferentes espiritualidades, que adquire sentido, que se atualiza constantemente, que se enriquece com novas experiências.

Papa Francisco nos diz na *Evangelii Gaudium* que o cristianismo não terá apenas um modelo cultural, mas diferentes maneiras de experimentar Deus, tendo como eixo central o Evangelho (Cf. n.115-118). A identificação cristã vai além da fé professada, mas passa pelo contexto sociocultural na qual são assumidas formas (ritos, objetos, tradições) que traduzem a consciência religiosa assumida por uma pessoa ou por um grupo.

Por isso de Medellín ao Papa Francisco deve-se buscar a efetivação de uma Igreja popular, que vise à evangelização tendo a opção preferencial pelos pobres. Seguir o Evangelho e colocá-lo em prática requer entender e aprofundar a mensagem de Cristo, e, a conversão do seu povo. É preciso que a libertação ocorra para que se cresça a esperança entre os filhos e filhas de Deus. É preciso que a Igreja em seu conjunto acolha o Concílio Vaticano II, e mais ainda que o povo latino-americano acolha as conferências episcopais. E por isso a piedade popular é tão cara ao povo latino-americano, pois expressa sua experiência de fé, expressa sua realidade, cultura seu próprio ser e sua relação com Deus.

9. Referências

BENTO XVI. **Deus Caritas Est**. 2005. Carta Encíclica do sumo pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diálogos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão. São Paulo: Paulus, 2006.

BINGEMER, Maria Clara L. *A Sedução do Sagrado*. In. CALIMAN, Cleto. **A Sedução do Sagrado**. O fenômeno religioso na virada do milênio. 2º ed. Rio de Janeiro. Vozes, 1998, p.79 -115.

BRITO, Ênio José da Costa. *A cultura popular e o sagrado*. In. QUEIROZ, José J. **Interfaces do Sagrado em véspera de milênio**. São Paulo: Olho D'água/CRE PUC-SP, 1996, p. 102-111.

CODINA, Victor. Os sacramentais, sacramentos dos pobres. In. **Perspectiva Teológica**. Vol. 22, nº 56, 1990, pp. 55-68.

CANCONE, Maria H.V.B.. De símbolos e sua eficácia, de pureza, identidade, legitimação. In. NEGRÃO, Lísias; QUEIROZ, José J (Org.). **A religiosidade do povo**. São Paulo: Paulinas, 1984.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Liturgia 20 anos de caminhada pós-conciliar**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1986 nº42.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia: princípios e orientações**. N. 12. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. II Conferência geral do episcopado latino-americano. **Conclusões de Medellín**. 3º ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO III Conferência geral do episcopado latino-americano. **Conclusões de Puebla**. 2º ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. IV Conferência geral do episcopado latino-americano. **Conclusões de Santo Domingo**. 4º ed. Tradução CNBB. Petrópolis: Vozes, 1993.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **Documento de Aparecida. Texto Conclusivo da V Conferência Episcopal Latino Americana e do Caribe**. 13 – 31 de maio de 2007. 4. ed. São Paulo. Paulinas, 2007.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ESPÍN, Orlando O. **A fé do povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular.** São Paulo: Paulinas, 2000.

FIORES, S. de Maria. In. FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Orgs.). In. **Dicionário de Espiritualidade.** São Paulo: Paulinas, 1989, p. 683 - 697.

FRANCISCO. **Lumen Fidei.** 2013: Carta Encíclica aos bispos, aos presbíteros, aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium.** 2013: Exortação Apostólica do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da revelação a partir da modernidade.** São Paulo: Paulus, 1992.

LIBÂNIO, João Batista. **Eu creio, nós cremos: tratado da fé.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MARASCHIN, Jaci C. **Religiosidade popular e misticismo no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 1984.

MIRANDA, Mario de França. **A igreja que somos nós.** São Paulo: Paulinas, 2013.

ORTIZ, Renato. **Cultura fragmentada. Ensaio de cultura popular e religião.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PAULO VI. *Lumen Gentium.* 1964. Constituição Dogmática. In. VIER, Frederico. **Compêndio do Vaticano II.** Rio de Janeiro: Vozes, 1963.

PAULO VI. *Sacrosanctum Concilium.* 1963. Constituição Dogmática. In. VIER, Frederico. **Compêndio do Vaticano II.** Rio de Janeiro: Vozes, 1963.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille. **Dicionário de liturgia.** São Paulo: Paulinas, 1992.

VALLE, Edênio. **Religiosidade Popular: Evangelização e vida religiosa.** Petrópolis: Vozes, 1976.

VILHENA, Maria Angela. **A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2016.

DATA DE SUBMISSÃO: 2022-09-19

DATA DE APROVAÇÃO: 2023-01-09



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacion